

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

FACULDADE DE TEOLOGIA

Vida Religiosa,  
sinal do Reino em Igreja

Tiago Miguel Pinto Veloso

210108810

Trabalho para a Unidade Curricular de

Eclesiologia do Doutor Costa Santos.

BRAGA

2009

## **Introdução**

Estávamos no mês de Março quando o docente de Eclesiologia, Dr. Costa Santos, convidava os alunos a desenvolver um estudo - trabalho com tema livre. Por estar mais à vontade na área da vida religiosa, com o noviciado recém-terminado e após conversa com o Sr. Dr. Costa Santos, fiquei com o tema de Vida Religiosa e Escatologia.

Este trabalho é fruto de muitas leituras de textos de vários autores, de várias décadas (a maioria pós - Concílio Vaticano II) com várias formas de argumentar, diferentes jogos de linguagem teológica, cada qual com o seu paradigma de fundo. Não foi fácil conciliar tudo. Mais difícil para um principiante nestes estudos teológicos, como eu.

Fica claro que cada assunto é tratado muito levemente; haveria muito mais a dizer, a analisar e a comentar. Para ajudar a um estudo mais alargado da vida religiosa acrescentei, nas últimas páginas, uma lista com fontes de informação.

Acima de tudo, desejo que a leitura deste trabalho ajude a compreender um pouco melhor a ligação da Vida Religiosa com a Igreja e com o Reino de Deus.

## O novo paradigma eclesial

No dia 25 de Janeiro de 1959 o Papa João XXIII deu a conhecer ao mundo a sua vontade de convocar um Concílio Ecuménico<sup>1</sup>. Três anos e meio depois, a 11 de Outubro de 1962, depois de muitos trabalhos de preparação, deu-se por iniciado o Concílio Vaticano II. Um Concílio que, segundo as humildes palavras do próprio Papa, «foi uma surpresa; uma irradiação de luz sobrenatural; uma grande suavidade nos olhos e no coração»<sup>2</sup>. Assim dava a conhecer ao mundo que ele próprio estava espantado com a convocação que havia feito! O Concílio, dom do Espírito Santo<sup>3</sup>...

O Papa, obediente à Voz do Pai, trazia uma nova esperança à Igreja e ao mundo. Ele queria que o Concílio fosse uma Luz para um mundo bastante pessimista, denunciando os «profetas das desgraças» que vivem «como se o fim do mundo estivesse próximo»<sup>4</sup>.

Naqueles tempos, a barca de Pedro estava no mar alto: não admitia novos passageiros e não pensava sequer atracar para discutir o *preço do peixe*. Digo-o assim para mostrar como a Igreja Católica estava fechada, de certa forma, ao mundo e aos homens não católicos. Basta recordar a *Syllabus* de Pio IX (1864) e o número 80 onde se diz que «o Papa não pode nem deve reconciliar-se com o progresso, com o liberalismo e com a modernidade»<sup>5</sup>. Ou a imposição da filosofia de São Tomás de Aquino para as faculdades eclesiásticas e seminários. A Igreja controlava o que os seus *militantes* deviam estudar ou não. Obviamente que não havia contacto algum com o mundo. E, já se está a ver, João XXIII foi profeta na medida que não recuou perante as possíveis (e bastante prováveis) *ameaças* nos corredores do Palácio Apostólico<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> IGREJA CATÓLICA. *CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II CONSTITUIÇÕES DECRETOS DECLARAÇÕES*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002, p. XIII.

<sup>2</sup> Mensagem do Papa João XXIII na Inauguração do Concílio. *Ibidem*, p. XXXV.

<sup>3</sup> IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – El Concilio Vaticano II, verdadera profecía para la vida de la Iglesia: [27 de Feb. 2000]. In *Vida Religiosa*. Madrid. 0211-9749. 98: 5 (2005) 13. «El concilio ecuménico Vaticano II fue un don del Espíritu Santo a su Iglesia».

<sup>4</sup> IGREJA CATÓLICA. *CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II*, p. XXXVI.

<sup>5</sup> IGREJA CATÓLICA. Papa, 1846-1878 (Papa Pio IX) – *Syllabus Errorum*: [Const. apost. 8 de Dez. 1864]. In <http://www.ewtn.com/library/PAPALDOC/P9SYLL.HTM> 25-03-2009 21:30.

<sup>6</sup> Não fundamento esta ideia em algum livro ou estudo. De facto ela parte de mim como tendo sido o mais lógico que terá acontecido.

«A Igreja é uma comunidade de homens, tão visível e tão palpável como a comunidade do povo romano, ou o reino de França ou a república de Veneza» (S. Roberto Belarmino, séc. XVII)<sup>7</sup>. Esta brilhante descrição põe a descoberto a concepção da Igreja em tempos do Concílio. A Igreja era sociedade hierárquica, como um reino. O topo da pirâmide (o Papa em nome de Deus) ditava as leis e governava os fiéis. A Igreja era uma Instituição de Poder com um certo autoritarismo. Tudo isto mudou.

No dia 21 de Novembro de 1964 era promulgada, pelo Papa Paulo VI, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. Com ela morriam *certas* ideias sobre a *igreja dos homens*, assim chamarei ao que considero uma igreja feita pelo poder humano, com uma determinada inclinação ao império romano<sup>8</sup>.

A *Lumen Gentium* (LG)<sup>9</sup> apresenta, em primeiro, a Igreja como mistério, em segundo lugar como sacramento e, por fim, como Povo de Deus. Com estes três aspectos podemos partir ao encontro da Igreja que Cristo deixou. Nesta primeira parte do trabalho debruçar-me-ei no primeiro capítulo da Constituição Dogmática que tem como título “O Mistério da Igreja”, falando apenas do mistério e do sacramento. O tema do Povo de Deus surge a partir do Capítulo II.

É de salientar a última frase do número 1: «... que todos os homens, hoje mais intimamente unidos por toda a espécie de vínculos sociais, técnicos e culturais, alcancem a unidade total em Cristo.» (LG 1). O Concílio quis a unidade entre todos os homens, com Cristo. De certa forma, afirmou que as diferenças que criam divisões e guerras não são queridas por Deus. O Concílio convidou à união! E isso, na minha forma de pensar, só é possível com o diálogo. A barca de Pedro atracou num porto e os tripulantes aceitaram o diálogo...

---

<sup>7</sup> IGREJA CATÓLICA. *CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II*, p. 4.

<sup>8</sup> CAMPINHO, Alberto – *Pedro II o último Papa*. Vila Nova de Famalicão: Editorial Magnólia, 2006, p. 96. «...vamos em frente na tarefa de reformar a Igreja de Jesus, da cabeça aos pés!... O tempo do Édito de Milão passou. O tempo das grandes catedrais passou. O tempo dos anátemas de Trento passou. O tempo do prestígio ou do poderio da Igreja passou. O tempo dos Médicis, dos Bórgias, da pompa, da corte pontifícia, passou. O tempo dos príncipes da Igreja passou! O tempo das dignidades eclesíásticas passou. O tempo do clero, da classe clerical, dos benefícios, prebendas e nepotismos passou. O tempo das simonias, mais ou menos encobertas, passou. O tempo de um cristianismo sem fé passou!».

<sup>9</sup> IGREJA CATÓLICA. *II Concílio do Vaticano, 1963-1965 – Const. Dogm. Lumen Gentium*. In *CONCÍLIO Ecuménico Vaticano II: Documentos Conciliares*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002, p. 3-108.

O mesmo número 1 tem outra expressão digna de destaque: «a Igreja, que em Cristo, é como que o sacramento ou sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano.»<sup>10</sup> (LG 1). Sacramento é a segunda palavra que aparece a definir a Igreja. Sacramento é um sinal visível que nos comunica uma realidade invisível. Então, a Igreja deve ser sinal de união. Quem olha para a barca de Pedro não pode ver entradas de água. Todo o casco deve estar íntegro, apesar das diferenças da madeira. A Igreja falha (e mete água) sempre que surgem divisões internas. A Igreja não é sacramento de união quando quem olha para Ela não sente um certo desejo de viver em união com todo o género humano e encontrar Deus e o Evangelho.

Mas há mais no «sacramento de unidade». O Concílio convida a todos os Homens a serem unidade. Tal como o Filho é no Pai e o Pai no Filho. Não somos nós imagem e semelhança desta Trindade (Gn 1,26)? Por isso, a Igreja tem o dever de estar do lado de todos os homens e lutar contra as pessoas/instituições que não permitem a unidade. A Igreja tem de ser profética<sup>11</sup>!

A Trindade está presente na Igreja e na unidade desejada<sup>12</sup>. Também está no Capítulo sobre o Mistério da Igreja da *Lumen Gentium*. Sendo assim, surgem três números trinitários: nº 2, 3 e 4 sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, respectivamente.

Deus Pai criou todo o universo por Amor e não abandonou o Homem quando este pecou, nas origens. Por isso, enviou Jesus Cristo, o Filho, para auxiliar na Salvação. E aos que acreditam nEle convocou-os para a Igreja, já prefigurada no Povo da Primeira Aliança. O Pai sonhou e projectou a Igreja logo após a queda de Adão! Tudo para a

---

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 107. «O ódio quebra a união, produz a desconfiança, o confronto, a guerra. O nosso Bom Deus, o Deus de Jesus Cristo, o Deus do Amor, não poderá deixar impunes as anacondas que destilam o mortífero veneno do ódio entre nós! Que triste espectáculo estamos a dar ao mundo, nestes tempos de descrença generalizada...».

<sup>11</sup> CAMPINHO, Alberto – *Pedro II o último Papa*, p. 52. «Queremos um papa que mude a história! Que seja a voz dos oprimidos! [...] Queremos um papa que acabe de vez com todo o farisaísmo e a hipocrisia do Vaticano.».

<sup>12</sup> IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Ecclesia in Europa*: [Exortação apostólica de 28 de Jun. 2003]. In [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_20030628\\_ecclesia-in-europa\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa_po.html) 12-05-2009 17:45, nº 28. «as próprias Igrejas, animadas pela comunhão que é manifestação do amor de Deus, fundamento e razão da esperança que não desilude (cf. Rm 5, 5), serão reflexo mais esplendoroso da Santíssima Trindade e também sinal que interpela e convida a crer (cf. Jo 17, 21)».

salvação do género humano. Acaso seria justo os homens fecharem as portas da barca e partirem para o alto mar, ignorando tantos humanos sedentos de Vida<sup>13</sup>?

O Filho «erguido da terra» (Jo 12,32) atrai a si todos os Homens, unindo-os pelo mesmo Pão e Vinho. A Igreja está presente no Calvário, num mistério total. Ai surgiu de forma misteriosa, graças à obediência de Cristo Jesus.

No dia de Pentecostes, o Espírito Santo foi enviado à Igreja que estava na sua formação original mas, de certa forma, sem rumo certo. O Espírito veio habitar na Igreja, orar com Ela, dar força no testemunho, enriquece-la com vários carismas, rejuvenesce-la a todo o momento e, muito importante, unir todos os homens<sup>14</sup>. Afinal, o Espírito é só um, como a Igreja é uma, como Cristo é um.

No centro da mensagem evangélica encontramos o projecto do Reino de Deus que Jesus anunciou com as suas palavras e obras. O Concílio salienta essa ideia dizendo que Jesus «deu início à Sua Igreja» (LG 5). Daqui tira-se a conclusão que a Missão da Igreja consiste em «anunciar e estabelecer em todos os povos o Reino de Cristo e de Deus» (LG 5). A Igreja é o começo do Reino, o sinal visível do Reino, a voz que o anuncia. A Igreja é o Reino de Cristo já presente em mistério, mas não se confunde com o Reino (LG 3).

O número 6 apresenta várias imagens sobre a Igreja que surgiram ao longo dos séculos e que se reflectem na Sagrada Escritura, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Provas concretas de que a Igreja estava nos desígnios de Deus desde os primeiros tempos e continuará, até ao fim dos tempos, a ser uma realidade pois há um caminho a percorrer até às «realidades do Alto» (LG 6). Sinal também que não há palavras concretas que possam dizer quem é a Igreja.

Os últimos dois números da *Lumen Gentium* são bastante complexos e densos. São Paulo na sua Carta aos Coríntios indicava que os cristãos formavam um só corpo, como Corpo de Cristo (1 Cor 10,17). Já tinha a *tal* noção de unidade que é referida

---

<sup>13</sup> LE GENDRE, Olivier – *Carta aos sucessores de João Paulo II*. Lisboa: Editorial Notícias, 2003, p. 44. «...a Igreja decepcionou-os [os homens] porque aparecia como quem já não sabia responder a uma necessidade fundamental: a aspiração espiritual que habita cada um de nós.»

<sup>14</sup> CAMPINHO, Alberto – *Pedro II o último Papa*, p. 126. «Irmãos, a hora é grave de mais para desperdiçarmos valores essenciais no anúncio corajoso do “Reino”! Vamos todos rezar e rezar muito para que o Espírito de Deus nos mostre sempre o melhor caminho a seguir, para o bem de todos e de toda a Humanidade.»

no número 1 desta Constituição Apostólica! O Espírito convoca as gentes a tomar consciência que pertencem à Igreja, ao Corpo Místico de Cristo. O Espírito une, como já indicava aquele número que considero ser a síntese de todo o Concílio. Une a todos, independentemente dos dons pessoais. Esta é a riqueza da própria Igreja! Tantas raças, tantas culturas, tantas idades e tantas ideias... uma só fé! Uma só realidade, pois todos participamos «do corpo do Senhor, na fracção do pão eucarístico» (LG 7). Quando viramos a cara às dores de outro membro da Igreja estamos a quebrar a unidade<sup>15</sup>. Estamos a matar a Eucaristia! A abrir brechas na barca de Pedro e, já se sabe, se existirem demasiados buracos, entra mais água e a barca corre risco de afundar<sup>16</sup>. Todos estamos responsáveis pela Igreja, como aparecerá no número 37. Todos somos co-responsáveis pelo bem e pela santidade na Igreja (LG 40)! Estamos, de certa forma, obrigados a ser como Jesus, à nossa maneira. A seguir «as Suas pegadas na tribulação e na perseguição... para com Ele sermos depois glorificados» (LG 7). Ele vive na Igreja, Ele vive em nós!

---

<sup>15</sup> IGREJA CATÓLICA. Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos – Chaves para orar pela unidade dos cristãos 2005. In *Vida Religiosa*. Madrid. 0211-9749. 99: 1 (2005) 47. «La comunidad de Corinto era rica en dones y en obras. No era más pobre o más débil que otras. Pese a ello, Pablo calificó a aquella Iglesia de carnal; llamó niños a los corintios. ¿Por qué? Por que entre ellos faltaba la unidad. [...]¿Qué valor tienen los resultados alcanzados si todavía existen tensiones entre las diferentes confesiones?».

<sup>16</sup> LE GENDRE, Olivier – *Carta aos sucessores de João Paulo II*, p. 146. «O barco da Igreja debate-se, hoje, com ondas mais alterosas, ao leme a tarefa é difícil.»;  
SÃO BONIFÁCIO – *Cartas*. In *Liturgia das Horas III*, p. 1390. «A Igreja é como um grande navio que navega pelo mar deste mundo. Sacudida pelas diversas ondas da adversidade nesta vida, não deve ser abandonada a si mesma, mas tem de ser governada.».

## A nova escatologia

A Igreja ainda não chegou ao seu estado máximo de perfeição, de verdadeira imagem de Cristo Ressuscitado e Ressuscitador, servo de todos (Jo 13,8). Apenas no «tempo da restauração do universo» (Act 3,21) é que a Igreja será verdadeiramente revelada em toda a sua glória<sup>17</sup> (LG 48). Jesus Cristo já inaugurou os novos tempos, os tempos finais, os tempos da restauração (Act 2,17; LG 48).

As palavras que o Concílio Vaticano II dedica ao tema da escatologia estão inseridas na Constituição sobre a Igreja. Cristo atraiu todos a si, no momento da sua morte (LG 48). Na cruz, Cristo redimiu toda a humanidade, presente, passada e futura. Isto parece uma verdade banal e corrente mas, o que é certo, é que a maior parte dos ensinamentos anteriores ao Vaticano II condenavam meio mundo ao inferno<sup>18</sup> e a outra metade a um terrível purgatório. A escatologia fazia referência a uma morte e a uma vida pós-morte. A escatologia era demasiado vertical. A vida era curta, passageira e pouco havia a fazer cá em baixo<sup>19</sup>.

O Espírito soprou aos ouvidos dos padres conciliares e deram-se novos passos numa nova forma de ler a escatologia. A Igreja, fundada na História por Jesus Cristo, tem uma finalidade escatológica que chegará à plenitude no mundo futuro (GS 40)<sup>20</sup>. Igreja que nasceu do amor do Pai e foi reunida no Espírito Santo (GS 40). A comunhão final com o Pai, pelo Filho no Espírito é o destino final da Igreja. E este futuro da Igreja já é vivido hoje, neste momento, embora não na sua totalidade. Por isso, o Concílio chama à Igreja de peregrina (LG 50). Para a vida religiosa, na minha opinião, viver como “peregrinos” é uma excelente opção: é um viver no mundo, sem ser do mundo. É ter noção que vivemos

---

17 RICOEUR, Paul - Leituras e Meditações Bíblicas. In *A Crítica e a Convicção*. Lisboa: Edições 70, 1997, p. 210. «poderá dissociar-se a Igreja invisível da Igreja visível?»

18 *Ibidem*, p. 211. «Estou contente por a prédica do inferno ter quase desaparecido, talvez porque entre nós instauramos o inferno. Os relatos sobre o inferno que se podem ler parecem agora risíveis, comparados com os horrores de Auschwitz. Pode dizer-se sem paradoxo que o inferno foi historicamente superado. Num determinado momento fui seduzido, talvez convencido, por aquilo que dizia Karl Barth, a saber, que não há inferno para ninguém: nem para o incrédulo, que lhe é indiferente, nem para o crente, pois dele foi libertado. É um paradoxo, talvez, que merece ainda que nele nos detenhamos...»

<sup>19</sup> *IMITAÇÃO de Cristo*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 2000, p. 47. «O mal, que logo ao princípio / Remédio não atalhou, / É tarde para melhoras: / Raízes fundas deitou».

<sup>20</sup> CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1963-1965 – Const. Dogm. *Gaudium et Spes*. In *CONCÍLIO Ecuménico Vaticano II: Documentos Conciliares*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002, p. 181-302.

num tempo especial, num tempo de graça, a caminho para a Pátria definitiva. Afinal, a verdade não é o que é, mas o que ainda vai ser.

A Igreja é um Mistério demasiado complexo para os nossos olhos humanos. É uma semente, massa em levadura, que leva o seu tempo a desenvolver-se. A Igreja já é o fim, mas ainda não o é completamente. A Igreja é sacramento de outro mundo<sup>21</sup>, de um mundo unido à Trindade. E é este verdadeiro sacramento que pode levar outros a dizer: «Aquele têm “algo” que eu não tenho. Vejam como se amam...»

---

<sup>21</sup> IGREJA CATÓLICA. Sínodo dos Bispos, X Assembleia, 2001: [Mensagem] Mensagem final ao Povo de Deus. In *Vida Religiosa*. Madrid. 0211-9749. 92: 1 (2002) 76. «Los Padres del Concilio Vaticano II, en su Mensaje a los gobernantes, habían osado decirles: "En vuestra ciudad terrestre y temporal Dios construye su ciudad espiritual y eterna". Por esto, bien conscientes de nuestros propios límites y de nuestro papel de obispos, sin la menor pretensión de poder político, nos atrevemos a dirigirnos, por nuestra parte, a los responsables del mundo político y económico: Que el bien común de las personas y de los pueblos sea el motivo de vuestra acción. No está fuera de vuestro alcance ponerlos de acuerdo lo más ampliamente posible para hacer obra de justicia y de paz. Os pedimos poner vuestra atención en aquellas zonas del planeta que no ocupan la primera plana de los noticieros televisados y en las que mueren hermanos nuestros a causa del hambre o de la falta de medicamentos. La persistencia de graves desigualdades entre los pueblos amenaza la paz. Como os lo ha pedido expresamente el Papa, aliviad el peso de la deuda externa de los países en vías de desarrollo. Defended todos los derechos del hombre, especialmente el de la libertad religiosa. Con respeto y confianza os rogamos recordéis que todo poder no tiene otro sentido que el servicio.»

## O Reino de Deus

Quando perguntamos a alguém o que ensinou Jesus, dificilmente encontramos uma coerência nas respostas. Uns dirão que Ele pregou o amor, ou perdão, a justiça<sup>22</sup>... A realidade é que o centro da mensagem do Jesus da história foi o Reino de Deus<sup>23</sup>.

Desde o início da sua vida pública, Jesus proclama que “cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova” (Mc 1,14-15). Esta mensagem é tão importante que vai aparecer 90 vezes na boca do Mestre de Nazaré<sup>24</sup>.

O Reino é a grande novidade que Jesus trouxe aos homens. Por ele lutou, sem medos, sem preconceitos, radicalmente, até à morte. Mas é preciso ter cuidado na leitura que fazemos do Reino: podemos cair em extremismos. O Reino é a revelação do verdadeiro Deus que vive em relação. O Reino é a revelação de Jesus Cristo, nosso irmão e filho de Deus. O Reino é *Abba*<sup>25</sup>. O Reino é comunhão, paz, reconciliação e fraternidade. E tudo isto foi a vida do próprio Jesus<sup>26</sup>! Ele serviu, perdoou e acolheu todos os homens, independentemente da sua condição social, do *status* que a sociedade imprimiu em tal indivíduo. Não podemos chamar Cristo de radical? De louco? Penso que podemos. Ele foi um profeta no sentido mais radical da palavra: demonstra que Deus já está entre nós e

---

22 MARTO, António dos Santos – Reino de Deus e Progresso. In *Communio*. Lisboa. 0871-4134. 16: 6 (1999) 487. «Convenhamos em que a categoria de Reino de Deus se tornou estranha ao pensamento moderno. Devemos pois libertá-la de alguns equívocos e mostrar a riqueza do seu significado e a sua energia viva e transformadora para convencer os homens da sua credibilidade».

23 URÍBARRI, Gabino – La Escatología cristiana en los albores del siglo XXI. *Selecciones de Teología*. Barcelona. 0037-119X. 44: 176 (2005) 271. «Hablar del reino de Dios es hablar de escatología. La Buena Nueva, el evangelio de Dios, radica precisamente en la cercanía del reino. Y esta cercanía se ha producido porque el tiempo ya se ha cumplido.»

24 KASPER, Walter – *Jesús, El Cristo*. Salamanca: Sígueme, 1986, p. 86. «Centro y marca de la predicación y actividad de Jesús fue el Reino de Dios que se había acercado. El reino de Dios constituía la “causa” de Jesús.».

25 Abba, o Deus próximo como demonstra Ricoeur: «Então, na linha deste versículo, ponho-me a meditar - *andenken!* - sobre um Deus que se lembra de mim, para além das categorias do tempo (passado, presente, futuro). Para justificar semelhante divagação, arrisco-me a dar-lhe um prolongamento especulativo na esteira da *process theology* saída de Whitehead, onde se trata de um Deus que devem - e não que é, no sentido estático e imutável da filosofia grega de que Agostinho ficou tributário. Baseando esta especulação no esquematismo da memória de Deus, "imagino" que a existência humana que já não é, mas que *foi*, é de certa maneira recolhida na memória de um Deus que por ela é afectado.» RICOEUR, Paul - Leituras e Meditações Bíblicas, p. 217.

26 MARTO, António dos Santos – Reino de Deus e Progresso, p. 488. «... a expressão “Reino de Deus” tornou-se uma metáfora sintética para exprimir tudo o que Deus representa, segundo a fé de Israel, para o futuro definitivo do mundo. Esta expressão encerra, pois, o conteúdo central das esperanças de Israel. O horizonte de fundo é o de uma humanidade que espera de Deus a libertação e a liberdade, a reconciliação, a justiça, a paz, a vida em plenitude.».

quer reinar nos nossos corações, quer reinar no mundo. Por isso, Jesus teve de abrir corações, ouvidos e olhos. Deus está tão entre nós que não o conseguimos ver. O Reino já está aqui, mas não está ainda na sua plenitude<sup>27</sup>.

Os discípulos acompanharam Jesus durante mais de um ano. O tempo necessário até aprenderem a ser para os outros. A ser imagem do Reino. A serem Reino. Com a ascensão receberam a missão de passar à prática o que aprenderam sobre o Reino. E, acima de tudo, de passarem a Mensagem do Reino a todos os homens<sup>28</sup>. A comunidade tornou-se semente para um mundo novo, onde Deus reinará em espírito e verdade.

Enquanto o Reino não se faz realidade plena, resta-nos fazer e viver o Caminho. O Evangelho e mais concretamente a vocação dos Apóstolos vão ajudar-nos a compreender melhor o que pretendo transmitir, no âmbito da vida religiosa na Igreja.

Jesus chamou duas vezes os Apóstolos. Na primeira vez, Pedro, André, Tiago e João deixaram as redes (Mt 4,18-22). Seguiram Jesus sem hesitações, com grande entusiasmo. Assistiram a milagres estupendos, sentiram o aperto das multidões, viram o pão a ser multiplicado no deserto e ouviram falar do Reino. Com tudo isto, sonhavam com poderes terrenos nesse tal Reino.

Com o passar do tempo, os discursos de Jesus foram-se alterando. Começou a falar da morte como uma realidade bastante próxima. O Calvário aproximava-se. E, quando chegou a prova decisiva, todos fugiram (Mc 14,50; Mc 14,71). Afinal, não era aquilo que sonhavam, que ambicionavam...

Após a ressurreição, o Senhor voltou a chamá-los por segunda vez. E esta foi a chamada definitiva (Jo 21,19).

---

<sup>27</sup> KASPER, Walter – *Jesús, El Cristo*, p. 90. «*la esperanza escatológica no representa un reportaje anticipador de sucesos futuros. Primariamente se trata más bien de una palabra consoladora y esperanzada en una situación comprometida. Las expresiones escatológicas y apocalípticas son la trasposición de la experiencia y la esperanza salvífica tanto actual como pasada en el modo del cumplimiento. Se trata de la certeza de la fe de que Dios al final acabará por mostrarse como absoluto señor de todo el mundo. Jesús imprime a esta esperanza otra dirección nueva. Anuncia que la esperanza escatológica se cumple ahora. El cambio de los cones no se halla ya en una lejanía inalcanzable, sino que está a la puerta.*».

<sup>28</sup> LIMA, José Silva - *Da Páscoa à Igreja*. [artigo cedido pelo autor]. «Outra nota deste tempo novo, inaugurado na Páscoa, é a da inclusão sem particularismos, nem aceção de pessoas, o que se compreendeu no tempo apostólico. Jesus ressuscitado é de todos e ninguém tem mais o seu monopólio. [...] Ressuscitado, ninguém o confisca, ninguém o detém, ninguém o fecha ou monopoliza. Ressuscitado é património de todos, de todos os tempos e de todos os lugares.».

Foi necessária a experiência da traição, do fracasso, da desilusão, do perder o orgulho e a confiança em si (Mt 26,33-35) para poder seguir Jesus e o Seu Reino.

Este ensinamento dos Evangelhos serve para o nosso caminhar para o Reino. Precisamos purificar a nossa vida. Esta é uma condição prévia para entender a verdadeira vida religiosa, no Caminho para o Pai, para o Reino.

A vida religiosa começa no momento em que alguém se entrega a Deus, pela consagração (LG 44). A consagração separa uma criatura da vida profana para um exclusivo com Deus. A primeira e autêntica consagração de um cristão ocorre no baptismo (Rm 6,3; LG 44) e, só por isso, já é totalmente incorrecto falar de um frade ou freira como pessoas acima dos leigos *normais*. O que *separa* um baptizado de um religioso é a radicalidade de vida<sup>29</sup>. Aliás, penso ser interessante referir aqui que a vida religiosa é bastante anterior ao cristianismo. Explicando melhor, antes de Cristo existiam homens e mulheres que deixavam tudo para viver com uma radicalidade, afastados do peso da Lei ou de obediências, sem limites. Só por isso se pode chamar de *radical*. Um passaro só pode voar se estiver solto, sem qualquer laço a prende-lo. E a vida religiosa é isso mesmo! É um viver sem ataduras. Um viver radicalmente o baptismo para e pelo Reino, respondendo à chamada de Cristo, o Pobre de Nazaré. A vida religiosa é o assumir os valores do Reino, vocação do baptismo.

Pensar em vida religiosa é pensar numa separação, uma entrega exclusiva ao Senhor (PC 8). Quem O descobre não consegue apagar o fogo que arde em si. É morrer ao mundo e aos interesses deste para o serviço no Reino, que já está entre nós. Pensar em vida religiosa é pensar em sacrifício. É pensar na Eucaristia: a vítima é colocada sobre o altar, Deus aceita-a mas devolve-a aos homens para que se possam servir dela<sup>30</sup>. Esta é

---

<sup>29</sup> SANCHÍS, Antonio – Origen divino de los consejos evangélicos y desarrollo eclesial de la vida religiosa. In *COMENTARIOS a la Constitución sobre la Iglesia*. Madrid: La Editorial Católica, 1966, p. 825. «La finalidad de una entrega tal no es otra cosa que la de vivir el bautismo a ultranza, esto es, una muerte más cabal al mundo que pasa y una consagración propiamente tal (=más “profunda y completa”) al servicio divino.

<sup>30</sup> PAULO DA CRUZ, São – Carta a Columba Gertrudis Gandolfi de 23 de Julho de 1754. In PLET, Philippe – *Orar con San Pablo de la Cruz*. Valencia: EDICEP, 2008, p. 63. «Procure separar bien lo precioso de lo vil. “Si tú separas – dice el Profeta -, si tú separas lo precioso de lo vil, tú serás como mi boca”. Y el modo de hacer esta separación consiste en no

uma bela imagem do ser consagrado na Igreja. É um viver para o outro, morrer pelo outro. A consagração deve então identificar-se com o sacrifício-comunhão. O consagrado pertence a Deus de maneira exclusiva, mas também aos homens. Só não pertence a si mesmo (VC<sup>31</sup> 35)<sup>32</sup>! Grande mistério!

Sendo assim, fica claro que a vida religiosa tem uma função escatológica (em relação com o Reino de Deus)<sup>33</sup> e uma função de serviço (em relação com o próximo)<sup>34</sup>.

Pretendo agora analisar a função escatológica. O consagrado, com plena liberdade, abraça uma vida nova, vivendo segundo os conselhos evangélicos, orientando todo o amor para Deus, sumamente amado, e para os irmãos. O Amor Perfeito é o grande objectivo da vida de um religioso. Mas, acaso é possível alcançar o Amor, na vida presente? Possuir o Amor só será perfeito quando o templo do véu se rasgar, quando as sombras forem iluminadas, quando chegarmos à visão de Deus. No tempo presente, a vida religiosa tende incessantemente à posse do Amor, sem nunca a alcançar plenamente. De certa maneira antecipa, tenta iniciar aqui na terra o que será um dia o Reino definitivo (VC 26).

Por isso, a vida religiosa deve manter viva a tensão escatológica, orientando tudo ao Reino<sup>35</sup>. É caso para dizer que o religioso já atirou a âncora ao Reino. Mas, sem

---

perder de vista nuestra horrible nada, nuestro nada tener, nada poder y nada saber; como también el desprendimiento altísimo del propio entender, del propio gozar, del propio sentir.

Hecha esta separación de nuestra nada de los dones sacrosantos del Altísimo, se debe hacer de éstos un como incienso que se eleva a Su Divina Majestad en el mismo sacrificio de holocausto que el alma hace de sí misma a Dios en el fuego de su divina caridad, el cual debe mantenerse siempre encendido con el hacecito de mirra y la olorosa leña de la Pasión santísima de Jesús y de los dolores de María Santísima.»

<sup>31</sup> IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – Vita consecrata: [Exortação apostólica de 25 de Março 1996]. In *Vida consagrada*. Braga: Editorial A. O., 1996. A partir de agora será apresentada como VC.

<sup>32</sup> SANCHÍS, Antonio – Origen divino de los consejos evangélicos y desarrollo eclesial de la vida religiosa, p. 834. «El religioso es un consagrado a Dios por una entrega que se promete *total y íntima*, y consiste sencillamente en llevar a ultranza la que se inició en el bautismo. Si la vida de todo cristiano, por teologal, se centra en Dios, la del religioso es totalmente teocéntrica, pues gira en derredor de Dios en toda su integridad.»

<sup>33</sup> VC 26: «Dimensão escatológica da vida consagrada».

<sup>34</sup> VC 84: «Um testemunho profético face aos grandes desafios».

<sup>35</sup> Ser religioso torna-se uma grande aventura na *Era do Vazio*, como lhe chama Gilles Lipovetsky.

RICOEUR, Paul - Leituras e Meditações Bíblicas, p. 229. «A pequena voz das escrituras bíblicas está perdida no tumulto incrível de todos os signos trocados. Mas o destino da palavra bíblica é o de todas as vozes poéticas. Seriam elas ouvidas ao nível do discurso público? A minha esperança é que haverá sempre poetas e ouvidos para as escutar. O destino minoritário de uma palavra forte não é apenas o da palavra bíblica.»

dúvida, que a viagem ainda é bastante longa, o barco ainda está longe de chegar ao Porto Celeste. Mas a âncora já foi atirada! É o «já chegámos, mas ainda não!».

Com esta bela maneira de pensar na mente, vamos ver os três votos que um religioso costuma fazer<sup>36</sup>:

1. O voto de castidade: A castidade é como a vida do céu que já começou (Mt 19,12). É como que o preludio do que será a nossa condição no Paraíso: «...serão como anjos de Deus no céu...» (Mt 22,30).

Este voto de castidade não é bem visto pela sociedade actual, quiçá porque a falta de fé é muita. A castidade não é uma fuga ao prazer do sexo mas sim um caminho à sua plenitude, é a sua afirmação mais clara e luminosa! É um amor único, total, sem divisões<sup>37</sup>. A castidade é olhar para Jesus Cristo, ser-se possuído por Ele.

2. O voto de pobreza: Com grande facilidade descobrimos o aspecto escatológico deste voto: um apaixonado por Cristo e pelo seu Reino não olha mais para os bens materiais com tanto desejo de posse<sup>38</sup>. Não se distrai com este mundo que passa, afinal esta não é a nossa morada definitiva.

O consagrado olha para os bens terrenos com os olhos concentrados no Criador, a quem deve tudo<sup>39</sup>. O seu caminhar diário é um esvaziar a mochila, para chegar ao topo da montanha, ao Reino, em forma<sup>40</sup>, com passos rápidos e firmes.

---

<sup>36</sup> VC 87: «Os conselhos evangélicos não hão-de ser considerados como uma negação dos valores inerentes à sexualidade, ao legítimo desejo de usufruir de bens materiais, e de decidir autonomamente sobre si próprio. Estas inclinações, enquanto fundadas na natureza, são boas em si mesmas; mas a criatura humana, enfraquecida como está pelo pecado original, corre o risco de as exercitar de modo transgressivo.»

<sup>37</sup> ABUY, Rafael María – La Virgindad y el celibato, fruto eximio de la caridad. In *LOS RELIGIOSOS en la Iglesia*. Madrid: Hijos de María, 1965, p. 95. «Un cientificismo trasnochado y materialista, desconocedor de lo humano en todas las manifestaciones de la vida del hombre, ha exagerado el cuadro de las inutilidades para el celibato. Hoy podríamos afirmar – dice Torelló – sin temor a equivocarnos que hay tantos inútiles para la virginidad como para el matrimonio... En efecto, no hay más virginidades frustradas que matrimonios fracasados. La dificultad en ambos casos está en la victoria sobre el egocentrismo; quien no sabe darse, se pierde; quien no sabe negarse, está incapacitado para el amor; tanto para el amor humano como para el divino.»

<sup>38</sup> *REGRA e Constituições da Congregação da Paixão de Jesus Cristo*. Santa Maria da Feira: Edições Passionistas, 1984, 168. «A prática da pobreza seja sincera e autêntica; resplandeça na Comunidade, na Província e na Congregação; evite-se toda a espécie de luxo, de lucro, de acumulação de bens, contentando-nos com o indispensável, num estilo de vida simples e frugal.»

<sup>39</sup> *Ibidem*, 10. «No entanto, confiamos totalmente em Deus e, amparados pela Sua graça, aceitamos cada um dos dias como um dom do Pai, sem nos preocuparmos por acumular riquezas para o futuro.»

3. O voto de obediência: Normalmente ouve-se dizer que este voto rouba a liberdade e a capacidade de opção aos frades. Mas isso não é a liberdade e, aliás, acaba por ocultar grande parte da riqueza do voto.

«Cristo entrou livremente no desígnio de amor de Deus e, tomando a forma de servo e tornando-se irmão de todos os homens, “fez-se obediente até à morte”.» (Fl 2,8 e Const 20). Por isso, quem segue no caminho mais exigente para o Reino, deve assemelhar-se a Ele também na obediência: «que não se faça a minha vontade, mas a Tua» (Lc 22,42). A obediência pode chegar até à morte por Deus e pelo Reino.

Em termos escatológicos, o consagrado deseja sentir a cidade celeste. Esforça-se por fazê-la presente, desde agora. Os novos céus e a nova terra tornam-se presença no mundo de hoje. A obediência religiosa faz na terra o que se faz nos céus, como rezamos no Pai Nosso. E isto é estupendo, se pensarmos bem. É um grande sinal para um mundo onde tantos dizem ‘não’ à vontade divina. É espantoso saber que há gente que diz ‘sim’ e vive esse ‘sim’ num total desprendimento de si mesmo. Cumprir a vontade do Pai, por amor<sup>41</sup>. O Reino faz-se presente na terra, como no céu. Tudo porque há umas criaturas que deixaram no Altar tudo o que tinham: a sua vontade e a sua liberdade.

Os votos religiosos são uma bonita imagem do Reino do Pai. A cidade santa já entre nós, e tão escondida<sup>42</sup>! Como alguém dizia: o futuro já começou.

Na Última Ceia, Jesus deu o maior exemplo possível aos Apóstolos: «levantou-se da mesa, tirou o manto e atou uma toalha à cintura. Deitou água num recipiente e começou a lavar os pés aos discípulos» (João 13,4-5). «O Filho do Homem não veio para

---

<sup>40</sup> Para subir uma montanha convém ter boa preparação física e, na vida cristã, isso reflecte-se pelo serviço: *Ibidem*, 11. «Renunciando a dispor livremente dos nossos bens, colocamo-nos a nós mesmos, os nossos talentos, trabalhos e realizações ao serviço da comunidade e da sua missão.».

<sup>41</sup> *Ibidem*, 21. «A nossa obediência é missionária, na medida em que entramos com Ele no plano da Redenção. Vivendo e trabalhando juntos, cuidadosa e responsabilmente, testemunhamos a nossa solidariedade em aceitar e cumprir a missão comum. Esta responsabilidade comunitária é assumida no nosso compromisso livremente aceite, “para a edificação do Corpo de Cristo”».

<sup>42</sup> Escondida talvez porque a nossa capacidade para ouvir não está devidamente configurada: «Creio muito profundamente que a crítica é benéfica para a projecção escatológica do que resta de núcleos eclesiais nas nossas sociedades, desembaraçadas da tentação de poder. Resta uma palavra pobre, desarmada, que não tem outra força além da sua capacidade de ser dita e escutada. Assenta numa espécie de aposta: haverá ainda pessoas para ouvir essa palavra?». RICOEUR, Paul - Leituras e Meditações Bíblicas, p. 228-229.

ser servido, mas para servir.» (Mt 20,28). E quem se decide a seguir o Messias tem de adoptar este comportamento à sua vida: «Dei-vos o exemplo e vocês devem fazer como eu fiz» (João 13,15)<sup>43</sup>.

Já referi que a consagração religiosa orienta o religioso para Deus e para o próximo; para o Reino<sup>44</sup>. O tal sacrifício-comunhão. O homem imolado a Deus, ao seu serviço nas 24 horas do dia, deve servir aos demais: no anonimato, ao encontro dos mais pobres, sem receber nada em troca. Para Cristo, só é grande aquele que serve, como Ele serviu. Não importa como nem onde, o importante é servir! Não era a Santa Teresa que via nos tachos e panelas uma grande oportunidade de oração?

Com esta pequena introdução, posso avançar para a função de serviço dos votos, a ligação horizontal, em relação com o próximo.

1. O voto de castidade: O voto de castidade deve libertar a pessoa dos *amores pessoais*. A castidade liberta a pessoa de todos os nós com a terra. Faz-nos disponíveis para Deus trabalhar em nós e servir bem (1 Cor 7,32-34).

A castidade não é, volto a frisar, uma fuga ao prazer do sexo ou para pessoas sem capacidade para formar família. É certo que tira o ‘peso’ de uns filhos, de preocupações extra, mas isto só tem sentido se for para um serviço mais eficaz e integral em relação com todos os homens<sup>45</sup>! A castidade é o dar-se a si mesmo, gratuitamente. Libertar o coração das paixões, para um amor universal, absoluto<sup>46</sup>. Um amor sem

---

<sup>43</sup> LE GENDRE, Olivier – *Carta aos sucessores de João Paulo II*, p. 155. «Governar é servir. Não pode reduzir-se isso a um slogan simpático. O poder político, cultural e moral da Igreja foi destruído; o seu futuro não será a sua reconstrução. Anunciar a mensagem da Igreja faz-se de joelhos, na humildade e no serviço.».

<sup>44</sup> REGRA e Constituições da Congregação da Paixão de Jesus Cristo, 9. «No meio do povo de Deus vivemos, perseverantes, o nosso compromisso religioso de vida comunitária de pobreza, castidade e obediência. A prática dos conselhos evangélicos tornar-se-á, assim, em profunda expressão, comunitária e pessoal, do mistério pascal.».

<sup>45</sup> ABUY, Rafael María – *La Virgindad y el celibato, fruto eximio de la caridad*, p. 115. «El estar desembarazado de todo amor terreno lleva al virgen al inmediato perfeccionamiento de su ser por medio del amor divino; pero ese perfeccionamiento se le comunica – como viador – por la fe, y por esta razón sigue subsistiendo en el célibe la inclinación natural al perfeccionamiento y plenitud de su ser humano.».

<sup>46</sup> IGREJA CATÓLICA. Congregação para a Doutrina da Fé – *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*: [6 de Ago. 1985]. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado, p. 15. «Já anunciado no Antigo Testamento, o mandamento do amor fraterno estendido a todos os homens constitui agora a suprema norma da vida social. Não há discriminações ou limites que possam opor-se ao reconhecimento de todo e qualquer homem como *próximo*.».

fronteiras, com um horizonte ilimitado<sup>47</sup>! A castidade não é uma renúncia qualquer, é mais uma entrega ao outro!

2. O voto de pobreza: Com a vida de pobreza, o consagrado fica totalmente disponível para servir melhor, livre de todas as preocupações terrenas. Usando a imagem anterior da mochila: com ela mais leve o caminho é feito mais rapidamente, com menos dores de costas, logo, com maior atenção às necessidades do próximo. Além disso, a pobreza evita o supérfluo, assegura a igualdade entre todos na comunidade e o recto uso dos bens<sup>48</sup>.

Normalmente acusa-se a Igreja de ser rica. É bom saber que no seu seio há verdadeiros pobres. Pobres ao lado de pobres, prontos para evangelizar e ajudar. Só as mãos vazias dão de verdade.

3. O voto de obediência: Este voto, na perspectiva do serviço<sup>49</sup>, distribui as pessoas, os cargos, para que tudo funcione bem. Quem obedece, obedece ao Superior, numa bela atitude de fé e de amor. Quando falo em Superior, é o superior terreno em consonância com Deus, Superior Supremo. Ele que quer o bem para toda a Criação.

Quem serve sabe que tem de obedecer com ordem, pelo bem comum. Por isso, facilmente deve aceitar o que lhe é pedido. Daqui também se compreende que o superior tem uma forte responsabilidade: quanto mais recebe, mais tem de dar, maior é a dívida.

Concluo que os três votos religiosos têm a grande missão de fazer todo o ser disponível para ser trabalhado pelas mãos de Deus, pelo bem do Reino.

---

<sup>47</sup> LARRAÑAGA, Ignacio – *Sobe comigo*. Lisboa: Paulinas, 1999, p. 160. «Amar o rebelde é coisa fácil e natural, mas amar o difícil exige coragem fora do vulgar, uma natureza especial ou um dom infuso do alto. É exactamente aqui que se encontra o nó da questão. Estamos metidos num círculo vicioso. Está “enfermo”, porque não o amam. Não o amam, porque não é amável. Para cúmulo, trata-se dum círculo vicioso acelerado. Quanto menos o amam mais difícil e intratável se torna. Quanto mais difícil e intratável se torna, menos o amam e mais se vão alargando as feridas e as distâncias. Que significa assumir? A comunidade precisa duma paciência infinita com os sujeitos difíceis. Tal atitude só é possível como gesto oblato por amor a Jesus, pois por gosto é impossível tratar com paz e carinho o perturbador da comunidade.».

<sup>48</sup> CAMPINHO, Alberto – *Pedro II o último Papa*, p. 158. «Promover o diálogo e a solidariedade entre todos os povos, de modo a afastar o perigoso fosso entre os do Norte – mais ricos – e os do Sul – mais pobres – é, assim, consequência daquele imperativo do qual a Igreja se não pode afastar, sem traição ao Espírito do Seu Fundador.».

<sup>49</sup> REGRA e *Constituições da Congregação da Paixão de Jesus Cristo*, 23. «O Superior é irmão de todos. [...] guia de uma comunidade [...] o Superior caminha com os outros em diálogo [...] pela caridade e respeito, enquanto todos se esforçam por discernir e cumprir a vontade do Pai.».

Obviamente que os votos têm perigos bastante fortes, caso não sejam vividos na verdadeira perspectiva escatológica e de serviço. De que serve fazer voto de castidade se depois sou áspero, rude e vivo afastado dos irmãos de comunidade? De que serve o voto de pobreza se não me apetece trabalhar, pelo menos, oito horas por dia? E de que serve o voto de obediência se vivo em atitude passiva, sem responsabilidade? De que servem os três votos se os levo como uma cruz pesada? A vida do consagrado deve ser verdadeiro sinal de simplicidade, sem complicações e sem luxos não necessários. Uma vida de verdadeira Páscoa.

## A Páscoa na e da Vida Religiosa

«Se ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Preocupem-se pelas coisas do alto, não pelas da terra.» (Col 3,1-2)

Aqui está clara a grande missão do homem baptizado: viver para Cristo e, no caso do consagrado por votos religiosos, renunciando a certos aspectos do mundo. Assim, pela própria vida, o religioso torna-se em sinal de Cristo Ressuscitado, sinal da verdadeira e definitiva Páscoa.

A Ressurreição abriu-nos as portas do Reino. Já vivemos, como referi, no Reino, embora não de maneira plena. Os homens e mulheres consagrados vivem nessa tensão do *já, mas ainda não*. Vivem com os horizontes da vida postos no Eterno. O matrimónio é temporário, a castidade eterna. Possuir bens e dominá-los é efémero, a pobreza eterna. Fazer o que se quer e quando se quer é uma possibilidade do hoje, viver a Vontade de Deus é parte do Reino. O religioso vive como se estivesse no Reino, embora não na sua plenitude. O religioso lembra aos homens *comuns* que há *algo* mais, *algo* de valor sobrenatural. Por isso mesmo, se a vida religiosa não tiver em si o Cristo ressuscitado não é minimamente credível. Quem vive com e para Cristo Crucificado e Ressuscitado será verdadeiro sinal para o mundo, sinal que há um Reino vivo entre nós, sinal que Cristo vive e transforma os corações. Talvez a crise<sup>50</sup> de vocações seja, na verdade, crise de fé no Ressuscitado e Ressuscitador. Ou o fruto que existe está podre<sup>51</sup>? É preciso ter esperança<sup>52</sup>...

Cristo Ressuscitou! E subiu aos céus. Deixou aos discípulos uma missão. Estes levaram uma vida em comum, um só coração e uma só alma, onde não havia pobres.

---

<sup>50</sup> LOPES, Isabel – Entrevista a Paulo Coelho. *Revista Única*. (20 de Dez. 2008) 36. «Esta crise é purificadora. Ao contrário do que pensa a maioria das pessoas, acho que se deve atingir o fundo do poço para depois se poder reconstruir tudo.».

<sup>51</sup> MALHEIROS, José Vítor – Alexandra T. e as maçãs podres. *Público*. (2 de Jun. 2009) 33. «Não é preciso ser perito em fruticultura para saber o que é uma maçã podre. Quando damos uma dentada numa maçã podre, mesmo que um grupo de doutores em ciências agrárias nos tente provar que aquela maçã está sã como um pêro, nós sabemos que não está. Os peritos em fruticultura não sabem melhor do que nós o que é uma maçã podre.».

<sup>52</sup> TU que vives na esperança. In LARRAÑAGA, Ignacio – *Sobe comigo*, p. 167. «Tu que vives na esperança / e que, enquanto esperas, por vezes / te sentes qual ténue neblina / colada ao fundo obscuro do tempo, / não desfaleças. / Porque, do fundo mais fundo do Tempo, / qual enorme mão fechada, / avança para ti, inexorável, / a Esperança.».

Com base nestas origens, os religiosos são convidados, pelo Decreto *Perfectae Charitatis*, a orientar a sua vida de comunidade como uma imitação da comunidade primitiva... a ser Igreja! Arrisco chamar, com bastante atrevimento, às comunidades religiosas de micro-igrejas. O testemunho dos religiosos tem de dar ao mundo a imagem da bela unidade do Corpo de Cristo, onde todos os membros são importantes, por servirem<sup>53</sup>. Cristo continua vivo e presente, entre nós, nas comunidades. Por isso, numa comunidade de religiosos há momentos comuns de oração, de trabalho, de convívio, de tristezas e de alegrias. Todos em sintonia, num só coração e numa só alma. Todos a caminho da mesma Meta: a unidade do Corpo<sup>54</sup>. O céu na terra. A vida eterna já hoje, porque «isto é a vida eterna: conhecer-te a Ti, único Deus verdadeiro, e a quem tu enviaste, Jesus, o Cristo.» (Jo 17,3). Temos a possibilidade de viver já na terra o Reino, amando a Deus sobre todas as coisas e aos irmãos, segundo o Evangelho. Amar a todos por igual. Fazer comunhão e não excomunhão<sup>55</sup>. Jesus está entre nós (Mt 28,20); o Reino está entre nós, basta viver em Amor (Jo 14,23). Esta é a aventura de ser consagrado, de ser cristão. O Reino começa na terra. Aliás, o Reino já começou<sup>56</sup>.

---

<sup>53</sup> RICOEUR, Paul - Leituras e Meditações Bíblicas, p. 217. «a minha posição a respeito da sobrevivência pessoal está completamente de acordo com a minha interpretação da ressurreição de Cristo. É sob o signo dessa ressurreição, que une o dom da sua própria vida e o serviço dos outros, que coloco a presente especulação. E é neste sentido que a considero cristã, por mais periférica que possa ser em relação às teologias dominantes.».

<sup>54</sup> CARRASCO, Manuel; BELLELLA, Antonio - Entrevista a Carlos Amigo: Pobreza, Fraternidad, Eclesialidad. In *Vida Religiosa*. Madrid. 0211-9749. 95: 10 (2003) 6-7. «El misterio de la encarnación nunca vuelve hacia atrás, siempre camina de forma ascendente para realizar el Reino de Dios. La misión de la vida consagrada consiste en ayudar a hacer presente, visible, este misterio en el mundo. Este es el sentido de los signos de consagración, de la vida fraterna, de las distintas actividades y de los apostolados que realiza la vida religiosa. Decir que no necesitamos la vida religiosa sería tanto como decir que no necesitamos de nada ni de nadie para que la Iglesia pueda hacerse visible y hacer presente en el mundo el amor salvador de Jesús.».

<sup>55</sup> *Ibidem*, 11. «La pregunta sobre el futuro es una pregunta un tanto inútil. Lo importante es cómo queremos que sea: si quieres que sea un futuro de paz, trabaja por la paz, si quieres que se un futuro de gente unida, trabaja por la unidad.».

<sup>56</sup> PANNENBERG, Wolfahrt – La tarea de la escatología cristiana. *Selecciones de Teología*. Barcelona. 0037-119X. 36: 144 (1997) 269. «La comunidad litúrgica de los cristianos ruega, junto con los judíos, por la venida del Reino de Dios; y recuerda su inicio en la misión de Jesús.».

## **Conclusão**

Marta e Maria serviam na oração e no trabalho. Assim, um consagrado também está ao dispor de Cristo, para a realização do Reino de Deus e do Seu Reinado entre nós.

Cristo Ressuscitado é o motor da vida cristã e a base da vida religiosa. Ao menos, espero que essa ideia tenha ficado explícita neste trabalho de introdução a um estudo mais profundo da escatologia na vida dos consagrados. Tenho noção que os temas foram tratados de forma muito superficial mas, como indicava na introdução, não é fácil conciliar tantos pontos de vista.

Para aprofundar mais este tema, num futuro, terei de estudar melhor os vários paradigmas existentes da Igreja e da Vida Religiosa ao longo dos dois milénios de história. Só com esse trabalho poderei desenvolver esta pequena introdução.

Considero ter atingido os objectivos propostos quando me dispus a realizar este trabalho e que, aos possíveis leitores, desperte um desejo de conhecer melhor a vida consagrada na Igreja.

## Fontes de informação

### Vida Religiosa

*A IGREJA que sonhamos e a Vida Consagrada*. Lisboa: Paulinas, 2000.

ALONSO RODRÍGUEZ, Severino-María - *La vida consagrada posconciliar: cambio y prospectiva*. Madrid: Claretianas, 1994.

— - *Vem e segue-me*. Lisboa: Paulus, 1997.

ANDRÉS GUTTIÉRREZ, Domingo J. - *Las formas de vida consagrada: comentario teológico-jurídico al Código de Derecho Canónico*. Madrid: Publicaciones Claretianas, 2005.

CHAPPIN, Marcel – *Introducción a la Historia de la Iglesia*. Estella: Ed. Verbo Divino, 1997.

*DICIONÁRIO teológico da vida consagrada*. Dir. A. A. Rodríguez; J. C. Casas. São Paulo: Paulus, 1994.

*DIZIONARIO degli Istituti di perfezione*. Dir. G. Pellicia; G. Rocca. Roma: Ed. Paoline, 1974-1997. 9 vol.

FLICHE, A.; MARTIN, V. – *Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1966-1987. 10 vol.

GARCÍA, José Antonio - *En el mundo desde Dios: vida religiosa y resistencia cultural*. Santander: Sal Terrae, 1989.

GOYA, Benito – *Psicología y vida consagrada*. Madrid: Ediciones San Pablo, 1997.

IGLESIAS, Ignacio - *Perguntas à vida consagrada*. Braga: Editorial A. O., 2001.

MÁRIA CASTILLO, José - *O Futuro da Vida Religiosa, Das origens à crise actual*. Lisboa: Paulus, 2008.

*ORAÇÃO experiência de fé. III semana de estudos sobre Vida Religiosa.* Braga: Editorial A.O., 1986.

PIKAZA, Xabier - *Tratado de vida religiosa: consagración, comunión, misión.* Madrid: Publicaciones Claretianas, 1990.

PUJOL i BARDOLET, Jaume – *Hacia el futuro de la vida consagrada.* Madrid: Ediciones San Pablo, 2008.

QUAGLIA, A.; FRIGO, G. - *Catecismo da Vida Consagrada.* Lisboa: Paulinas, 2001.

*RESPOSTA a Deus na castidade, pobreza e obediência. IV semana de estudos sobre Vida Religiosa.* Braga: Editorial A.O., 1987.

SAL MOLIN, Nico – *Jóvenes y Vida Consagrada, El misterio de una opción.* Madrid: Ediciones San Pablo, 2007.

SANTOS, Eutimio Sastre - *Las condiciones y posibilidades de nuevas formas de vida consagrada.* Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 1999.

TEIXEIRA, Álvaro de Magalhães - *Uma proposta de vida à comunidade religiosa: análise "prospectiva" à luz da Participação Subsidiária.* Braga: Franciscana, 1979.

URÍBARRI BILBAO, Gabino - *Portar las marcas de Jesús: teología y espiritualidad de la vida consagrada.* Bilbao: Universidad Pontificia Comillas, 2001.

VIÑAS ROMÁN, Teofilo - *La amistad en la vida religiosa.* Madrid: Instituto Teologico de Vida Religiosa, 1982.

## **Escatologia**

BLANK, Renold J. - *Escatologia da pessoa*. S. Paulo: Paulus, 2000.

— - *Escatologia do mundo*. S. Paulo: Paulus, 2001.

— - *Nosso mundo tem futuro: escatologia cristã*. S. Paulo: Paulinas, 1993.

BOFF, Leonardo - *Vida para além da morte: o presente, seu futuro, sua festa, sua contestação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978.

BULTMANN, Rudolf - *Histoire et Eschatologie*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1959.

KEHL, Medard - *Adónde va la iglesia?: un diagnóstico de nuestro tiempo*. Santander: Sal Terrae, 1997.

— - *Escatologia*. Salamanca: Sígueme, 1992.

LANGEVIN, Paul-Emile - *Jésus Seigneur et l'Eschatologie: exégèse de textes prépaulinien*. Paris: Desclée de Brouwer, 1967.

LIBÂNIO, João B.; BINGEMER, Maria Clara - *Escatologia cristã: o novo céu e a nova terra*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

MOLTMANN, Juergen - *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Herder, 1971.

*MYSTERIUM Salutis: Manual de Teología como historia de la salvación*. Dir. J. Feiner; M. Löhrer. Madrid: Cristandad, 1969-1975. 8 vol.

SCHMAUS, Michael - *A Fé da Igreja*. Vol 6. Petrópolis: Vozes, 1981.

## **Revistas**

*VIDA Religiosa*. Madrid: Claretianos, 1943- .

*SELECCIONES de teología*. Barcelona, 1962- .

*CONFER*. Madrid: C.E.R., 1962- .

## Bibliografia

ABUY, Rafael María – La Virgindad y el celibato, fruto eximio de la caridad. In *LOS RELIGIOSOS en la Iglesia*. Madrid: Hijos de María, 1965, 93-130.

CAMPINHO, Alberto – *Pedro II o último Papa*. Vila Nova de Famalicão: Editorial Magnólia, 2006.

CARRASCO, Manuel; BELLELLA, Antonio - Entrevista a Carlos Amigo: Pobreza, Fraternidad, Eclesialidad. In *Vida Religiosa*. Madrid. 0211-9749. 95: 10 (2003) 6-11.

AA.VV. - *COMENTARIOS a la Constitución sobre la Iglesia*. Madrid: La Editorial Católica, 1966, p. 798-923.

HERVIEU-LÉGER, Danièle - *O Peregrino e o Convertido. A religião em movimento*. Lisboa: Gradiva, 2005, p. 91-117.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1846-1878 (Papa Pio IX) – *Syllabus Errorum*: [Const. apost. de 8 de Dez. 1864]. In <http://www.ewtn.com/library/PAPALDOC/P9SYLL.HTM> 25-03-2009 21:30.

IGREJA CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1963-1965 – Const. Dogm. *Lumen Gentium*. In *CONCÍLIO Ecuménico Vaticano II: Documentos Conciliares*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002, p. 3-108.

CATÓLICA. II Concílio do Vaticano, 1963-1965 – Const. Dogm. *Gaudium et Spes*. In *CONCÍLIO Ecuménico Vaticano II: Documentos Conciliares*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002, p. 181-302.

IGREJA CATÓLICA. *CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II CONSTITUIÇÕES DECRETOS DECLARAÇÕES*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002.

IGREJA CATÓLICA. Congregação para a Doutrina da Fé – *Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação*: [6 de Ago. 1985]. Lisboa: Secretariado Geral do Episcopado.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – El Concilio Vaticano II, verdadera profecía para la vida de la Iglesia: [27 de Fev. 2000]. In *Vida Religiosa*. Madrid. 0211-9749. 98: 5 (2005) 13-17.

IGREJA CATÓLICA. Sínodo dos Bispos, X Assembleia, 2001: [Mensagem] Mensagem final ao Povo de Deus. In *Vida Religiosa*. Madrid. 0211-9749. 92: 1 (2002) 69-76.

IGREJA CATÓLICA. Papa, 1978-2005 (João Paulo II) – *Ecclesia in Europa*: [Exortação apostólica de 28 de Jun. 2003]. In [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_20030628\\_ecclesia-in-europa\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa_po.html) 12-05-2009 17:45.

IGREJA CATÓLICA. Conselho Pontifício para a Unidade dos Cristãos – Chaves para orar pela unidade dos cristãos 2005. In *Vida Religiosa*. Madrid. 0211-9749. 99: 1 (2005) 46-50.

*IMITAÇÃO de Cristo*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 2000.

KASPER, Walter – *Jesús, El Cristo*. Salamanca: Sígueme, 1986.

LARRAÑAGA, Ignacio – *Sobe comigo*. Lisboa: Paulinas, 1999.

LE GENDRE, Olivier – *Carta aos sucessores de João Paulo II*. Lisboa: Editorial Notícias, 2003.

LIMA, José Silva - *Da Páscoa à Igreja*. [artigo cedido pelo autor].

*REVISTA Única*. (20 de Dez. 2008) 36.

MARTO, António dos Santos – Reino de Deus e Progresso. In *Communio*. Lisboa. 0871-4134. 16: 6 (1999) 485-494.

PANNENBERG, Wolfahrt – La tarea de la escatología cristiana. *Selecciones de Teología*. Barcelona. 0037-119X. 36: 144 (1997) 265-274.

PLET, Philippe – *Orar con San Pablo de la Cruz*. Valencia: EDICEP, 2008.

*REGRAS e Constituições da Congregação da Paixão de Jesus Cristo*. Santa Maria da Feira: Edições Passionistas, 1984.

RIBEIRO, Abílio Pina – *Vida Consagrada, sinal e serviço*. Lisboa: Edições Paulistas, 1994.

RICOEUR, Paul - Leituras e Meditações Bíblicas. In *A Crítica e a Convicção*. Lisboa: Edições 70, 1997, 191-231.

SÃO BONIFÁCIO – Cartas. In *Liturgia das Horas III*, p. 1390.

URÍBARRI, Gabino – La Escatología cristiana en los albores del siglo XXI. *Selecciones de Teología*. Barcelona. 0037-119X. 44: 176 (2005) 269-281.

## Índice

Introdução -----	2
O novo paradigma eclesial -----	3
A nova escatologia -----	8
O Reino de Deus -----	10
A Páscoa na e da Vida Religiosa -----	19
Conclusão -----	21
Fontes de informação -----	22
Bibliografia -----	26